

(RE)EXISTÊNCIAS NA/PARA COMPOSIÇÃO DO SER DOCENTE: itinerários acadêmicos e profissionais

(RE)EXISTENCIAS EN/PARA LA COMPOSICIÓN DEL SER DOCENTE:
itinerarios académicos y profesionales

(RE)EXISTENCES IN/FOR THE FORMATION OF THE TEACHING SELF:
Academic and Professional Itineraries

Marcia Torres Neri Soares¹ 

Resumo

Este texto objetiva compartilhar elementos do processo pessoal, acadêmico e profissional de uma professora da Educação Básica e Superior, com vistas a identificar características na constituição do “ser professora” singularizado, neste particular, na forma de (re)existências. De inspiração autobiográfica, o método apresenta-se nos aspectos evidenciados pela autora e sua aderência ao campo pedagógico, no modo como constituiu escolhas e memórias. A partir do estudo é possível depreender possibilidades de (re)existir na: a) superação da sensação de incapacidade e/ou descrédito advinda da rotina escolar; b) sistematização de estudos/pesquisas e seus subseqüentes registros; c) compreensão das dúvidas e/ou inseguranças como agentes de estímulo para o crescimento acadêmico e profissional; d) definição de uma área de estudos no campo da Pedagogia para/na consolidação de um perfil investigativo caro à formação de cada profissional; e) abertura aos desafios como forma de superação das fragilidades teóricas; f) superação da visão prospectiva das ações governamentais e análise de suas nuances e incompletudes; g) utilização da experiência construída como professora da Educação Básica para/na volta a instituição formadora e aproximação entre os dois níveis de ensino brasileiros, e h) solidificação da colaboração como estratégia para/no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos e/ou científicos. Dos resultados subjaz a importância das (re)existências na composição do ser docente e suas intersecções com itinerários acadêmicos e profissionais. O estudo pode iluminar outras práticas e trazer novos elementos para a melhoria da trajetória compartilhada e, oportunamente, de outros professores em seus respectivos contextos de formações.

Palavras-chave: (Re)existência. Professora. Educação Básica. Educação Superior. Colaboração.

Resumen

¹ Doutora em Educação. Professora da educação pública municipal de Feira de Santana e professora adjunta do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Intervenção Educativa e Social da Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação, *Campus XI*. Serrinha. Bahia. Brasil. E-mail: mtsoares@uneb.br

Como referenciar este artigo:

SOARES, Marcia Torres Neri. (RE)EXISTÊNCIAS NA/PARA COMPOSIÇÃO DO SER DOCENTE: itinerários acadêmicos e profissionais. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 26, e7930, 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v22i0.7930>

Este texto tiene como objetivo compartir elementos del proceso personal, académico y profesional de una profesora de Educación Básica y Superior, con el fin de identificar características en la constitución del "ser profesora" singularizado, en este caso, en forma de (re)existencias. De inspiración autobiográfica, el método se presenta en los aspectos evidenciados por la autora y su adherencia al campo pedagógico, en la forma en que constituyó elecciones y memorias. A partir del estudio es posible desprender posibilidades de (re)existir en: a) superación de la sensación de incapacidad y/o descrédito proveniente de la rutina escolar; b) sistematización de estudios/investigaciones y sus registros subsiguientes; c) comprensión de las dudas y/o inseguridades como agentes de estímulo para el crecimiento académico y profesional; d) definición de un área de estudios en el campo de la Pedagogía para/en la consolidación de un perfil investigativo caro a la formación de cada profesional; e) apertura a los desafíos como forma de superación de las fragilidades teóricas; f) superación de la visión prospectiva de las acciones gubernamentales y análisis de sus matices y aspectos incompletos; g) utilización de la experiencia construida como profesora de Educación Básica para/en el regreso a la institución formadora y aproximación entre los dos niveles de enseñanza brasileños, y h) solidificación de la colaboración como estrategia para/en el desarrollo de trabajos académicos y/o científicos. De los resultados subyace la importancia de las (re)existencias en la composición del ser docente y sus intersecciones con itinerarios académicos y profesionales. El estudio puede iluminar otras prácticas y traer nuevos elementos para la mejora de la trayectoria compartida y, oportunamente, de otros profesores en sus respectivos contextos de formaciones.

Palabras clave: (Re)existencia. Profesora. Educación Básica. Educación Superior. Colaboración.

Abstract

This text aims to share elements of the personal, academic, and professional process of a teacher of Basic and Higher Education to identify characteristics in the constitution of the singularized "being a teacher", particularly in the form of (re)existences. With an autobiographical inspiration, the method presents itself in the aspects evidenced by the author and her adherence to the pedagogical field in the way it constituted choices and memories. From the study, it is possible to infer possibilities of (re)existing in a) overcoming the feeling of incapacity and/or discredit arising from the school routine; b) systematization of studies/research and its subsequent records; c) understanding doubts and/or insecurities as stimulating agents for academic and professional growth; d) definition of an area of study in Pedagogy for/in the consolidation of an investigative profile valuable to the training of each professional; e) openness to challenges to overcome theoretical weaknesses; f) overcoming the prospective view of government actions and analysis of their nuances and incompleteness; g) use of the experience built as a teacher of Basic Education for/on the return to the training institution and approximation between the two levels of Brazilian education, and h) solidification of collaboration as a strategy for/in the development of academic and/or scientific works. The results underlie the importance of (re)existences in the composition of teachers and their intersections with academic and professional itineraries. The study can illuminate other practices, introducing new elements to enhance the shared trajectory and, eventually, benefit other teachers in their respective training contexts.

Keywords: (Re)existence. Teacher. Basic Education. Higher Education. Collaboration.

Introdução

O presente texto apresenta memórias da formação inicial e continuada no âmbito acadêmico, do ponto de vista da constituição docente e, nesse particular, objetiva compartilhar parte de processo pessoal, acadêmico e profissional de uma professora da Educação Básica e Superior, com vistas a identificar suas principais características e elementos fundantes na constituição do “ser professora” caracterizado na forma de (re)existências, conforme anunciado desde o título.

Nessa elaboração, prevalece a ideia do quanto a vida é constituída de vários acontecimentos e de marcas estabelecidas em contato com outras pessoas, nossas referências, características a nos tornar únicos e ao mesmo tempo plurais, conhecedores de tempos, momentos constituintes de nossa própria trajetória. Em meio a opções, tomadas de decisão, prioridades, interesses e oportunidades, elencamos percursos diferentes na construção da formação acadêmica. Isso caracteriza uma forma de ser e estar no mundo e comprova a condição de nos permitir trilhar caminhos não imaginados face ao cenário de profissionalização e trabalho docente (Freitas, 2007).

O anúncio ao encontro com diferentes pessoas, seja do ponto de vista das contribuições teóricas ou das relações humanas, ou ainda dos mecanismos de *(re)existências* subsequentes, com seus diferentes significados, contribuem na/para constituição do presente trabalho. Tais *(re)existências* correspondem, ou são interpretadas, como forma de a) existência – o direito ao ser pela/na condição humana de percepção das oportunidades facultadas para a própria condição de vida; b) reexistência – mecanismo de, dadas as condições, ou ausência destas, e características do ser professora, ressignificar os labores e dores na constituição de novas experiências e aprendizagens, existir novamente, insistir; e finalmente, a justaposição do (re)existir, ou seu fio condutor, c) a resistência – força motriz na superação dos desafios impostos ao cotidiano escolar e ao fazer docente.

A (re)existência, assim explicada, transversaliza este registro por outras vozes, carrega marcas da mudança e do cômico e permanente estado de busca, justificando-se compartilhar, neste momento, recortes do meu próprio eu e de tantos outros, agora “nós”. Numa tal dimensão, anuncia-se o vindouro cingido pelo ontem e o agora, o novo, o inesperado, o ressignificado e até sua continuidade.

Para fins de organização do texto, a metodologia autobiográfica alcança relevo nos moldes apresentados por Santos e Torga (2020, p. 136) ao enunciarem “Mesmo que se pretenda uma relação pura em que o sujeito busque um diálogo consigo mesmo, é necessário que ele ocupe uma posição externa, terceira, na qual este pode contemplar a si mesmo.”. Tal movimento, sobretudo, exige um esforço para olhar de fora “[...] olhar para si com olhos alheios, o olhar do outro” (Santos; Torga, p. 136). Ao definir a (re)existência, iniciamos um esforço e perspicácia para apreender as subjetividades aqui compartilhadas.

Nesse itinerário de busca, este artigo se constitui um convite às entrelinhas de uma história e, para tanto, está organizado em seções representativas de trechos alusivos à formação acadêmica e profissional, com fragmentos de suas nuances e intensidades. Inicialmente, a seção intitulada “Mãe, eu vou ser professora! Da identificação com a docência à ação política: o lastro da Educação Básica”, retoma algumas raízes e a forma como, apresentada ao mundo, foram feitas as primeiras escolhas. Em seguida, na seção “A docência no Ensino Superior: novos elementos para a formação – ensino, pesquisa e extensão” são explicitadas singularidades do percurso acadêmico/profissional nesse nível de ensino educacional brasileiro. Como apresentado, em caráter de continuidade, a seção “Considerações finais” anuncia a contínua busca pelo (re)existir arrematando características acadêmicas para o perfil docente em constante estado de mudança, porque incontestemente é alimentado no movimento de um vir a ser, um estado reconhecidamente inconcluso, incompleto, dinâmico, flexível e preñado de diferentes significados.

2 Mãe, eu vou ser professora! Da identificação com a docência à ação política: o lastro da educação básica

Ainda na infância, em meio às brincadeiras e ao uso de situações imaginárias, comecei a demonstrar excessivo gosto pelo ensino, até então entendido como a transmissão de conteúdos, típico da abordagem tradicional submetida durante minha formação, principalmente no ensino primário assim denominado pela legislação em vigor (Brasil, 1964). Aos 8 anos, já “determinada” disse a minha mãe: “eu vou ser

professora”. Não imaginava o quanto a ideia tomaria forma, sentido, rumo e até cunho político, ideológico e cultural.

De igual modo, não tinha conhecimento sobre a delimitação dos papéis sociais e do atual propalado desrespeito às questões de gênero como geradores do preconceito e da exclusão social. Desconhecia as razões da feminização do magistério (Pereira, 2000; Gomboeff; Penteado, 2023) e de como havia sido preparada para assumir determinados papéis.

Somado à vontade pessoal e grande aptidão por disciplinas da área de humanas, optei por fazer o curso de Magistério, no ano de 1988. Este curso, por sua vez, voltado para imitação de modelos e a preocupação excessiva com o estágio compreendido como a grande apoteose, começou a desvelar o distanciamento entre teoria e prática, pois sua perspectiva técnica propiciava o afastamento “[...] da vida e do trabalho concreto que ocorre nas escolas, uma vez que as disciplinas que compõem os cursos de formação não estabelecem os nexos entre os conteúdos (teorias?) que desenvolvem e a realidade nas quais o ensino ocorre” (Pimenta; Lima, 2004, p. 36).

A experiência no estágio, conquanto, permitiu identificar dificuldades ao me deparar com turmas inevitavelmente heterogêneas (Zabala, 1998). Os incrementados planos de aula, fardamentos, cadernos enfeitados, cartazes e a excessiva preocupação com a técnica (Pereira, 2000) não foram capazes de ajudar na superação dos inúmeros desafios. Turmas numerosas, estudantes indisciplinados e desinteressados, retratavam um pouco do descompasso entre o ensinado no curso e a tão decantada “realidade escolar” teorizada pelos professores do Magistério.

Mais de três décadas depois, entretanto, preciso reconhecer a importância deste curso para minha formação, afinal durante esta escrita, ouço ecos de minhas falas com colegas e estudantes, da Educação Básica e Superior, sobre aprendizagens advindas do Magistério, dentre as quais: a incorporação da rotina escolar, o reconhecimento sobre a importância do planejamento com objetivos factíveis de realização, o cuidado ou entendimento sobre o *modus operandi* da docência como espaço de ética e, sobretudo, investimentos no campo da formação continuada. Além

disso, a abertura ao universo do ser professora alcançou/alcança valor inestimável na constituição da mulher assalariada, como doravante apresentado.

Em 1991, logo após a conclusão do Ensino Médio e, conforme assegurava legislação pertinente (Brasil, 1964), participei do primeiro concurso docente para trabalhar como professora do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino de Feira de Santana – BA. Sendo aprovada, comecei então a minha experiência tão sonhada na infância: ser professora. O concurso realizado para suprir a carência da zona rural, hoje denominada de campo, permitiu-me conhecer um distrito feirense, lecionando numa classe de alfabetização para estudantes da própria comunidade. Desde então, adotei a docência como opção política (Freire, 1998) de não conformação com a realidade e busca por novos caminhos e, para tanto, seria imprescindível o investimento em minha formação acadêmica. Desse modo, neste mesmo ano, concorri a uma vaga como discente do curso de licenciatura plena em Pedagogia, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), sendo aprovada e ingressando num universo totalmente novo para mim.

As aprovações em concurso público para professora da Educação Básica e no vestibular para a licenciatura em Pedagogia acenavam um novo cenário para a vida da “menina-moça” de 17 anos e davam contornos diferentes ao particular modo de (re)existir. Gradativamente fui convidada a adentrar em um mundo totalmente instigante como relatado a seguir.

2.1 O exercício da docência: formação acadêmica e atuação profissional

As aprovações no concurso e vestibular possibilitaram a rica oportunidade de unir os estudos e conhecimentos teóricos à realidade encontrada ao assumir a primeira turma de alfabetização. Durante quatro anos, confrontava as discussões do espaço acadêmico, sob o lastro da formação em magistério, com situações apresentadas no cotidiano escolar. As reflexões trazidas já começavam a interferir na prática, demonstrando algumas dificuldades e também mudanças tímidas, mas possíveis. Naquela época, não entendia porque aqueles conhecimentos haviam sido reservados apenas para aquele momento - por que não os discutir na formação em magistério? Também começava a refletir sobre o papel da universidade e a

necessidade de extrapolar os seus muros para efetivamente cumprir sua função social (Pimenta; Anastasiou, 2005), inclusive nos antigos cursos de formação de professores, afinal:

Para haver fortalecimento da categoria profissional de docentes acerca de seus saberes práticos é preciso, ao mesmo tempo, que haja conscientização sobre a função social que a docência desempenha na sociedade e como ela foi marcada por construções históricas projetadas, perpetuadas e reforçadas por uma determinada classe social e gênero, como as que pontuamos neste estudo, como o preconceito de gênero e orientação sexual, o papel da mulher e a feminização do magistério. (Gomboeff; Penteado, 2023, p. 25).

A reflexão viria mais tarde, porém a despeito de reconhecer essa função social da docência, perseverava em formas (re)existência. Assim, além da participação como estudante do curso de licenciatura em Pedagogia, a realização de eventos acadêmicos proporcionados pela universidade contribuiu e muito a minha prática. A intensa imersão no cotidiano profissional, conquanto, restringiu as possibilidades de participação em cursos de formação continuada, haja vista estar, à época, comprometida com 40 horas semanais em turma dos anos iniciais do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Sobre esse aspecto, agreguei ao meu posicionamento ético e político, um olhar para outros colegas distantes da perspectiva de investimentos em formação continuada, fator importante para minha atual atuação em um programa de mestrado profissional, pois muitas vezes se torna impraticável não apenas participar de cursos de formação continuada em função do escasso tempo, mas até questionar a capacidade pessoal e/ou cognitiva para essa participação. *A rotina escolar, as vezes é árida e solitária, descortinar outros horizontes parece algo distante, inviável e, para alguns até impossível. Superar essa sensação de desânimo, incapacidade e/ou descrédito é uma forma potente de (re)existir.* (Grifo nosso).

Em 1994, concluí o curso de Pedagogia. Da crescente necessidade em atualização, logo ingressei no curso de pós-graduação em Supervisão Escolar tendo, em 1995, concluído. Durante muitos anos atuando como professora, dos anos iniciais do Ensino Fundamental e EJA, voltei a constatar situações e um bom número de reflexões. Salas numerosas, em alguns momentos com mais de 40 estudantes,

defasagem idade-ano, falta de recursos didáticos, ausência de coordenador pedagógico e algumas dificuldades pessoais em desenvolver, por exemplo, uma proposta pautada na construção do conhecimento, pois mesmo sendo favorável, existiam dúvidas em operacionalizar os seus conhecimentos dentro da realidade enfrentada. *Daí decorre outra forma de (re)existir, a de, reconhecendo minhas incompletudes, não me furtar de lançar-me aos desafios. As dúvidas e/ou inseguranças não paralisam, antes movem, circulam, impulsionam.* (Grifo nosso).

Das lacunas apresentadas pela própria formação e pelo desejo em estar constantemente me atualizando, surgiu a necessidade em sistematizar estudos na área de Educação Especial. Isso me possibilitou a realização de uma segunda pós-graduação no ano de 2001 e, ainda, em 2012 o curso de Atendimento Educacional Especializado (AEE). *No amplo leque de atuações no campo da Pedagogia, definir um "rumo" atrai convergências para/na consolidação de um perfil investigativo caro à formação de cada profissional. É a resistência na existência, o reexistir.* (Grifo nosso).

No mesmo ano, em 2001, perseguindo a ideia de fugir à inércia perante aos desafios, comecei a trabalhar como coordenadora pedagógica da rede pública municipal de minha vinculação desde 1991. A carga horária exercida em sala de aula foi então disponibilizada para o órgão gestor da educação inclusiva no município. A partir de então, o interesse em trabalhar aspectos sobre a heterogeneidade das turmas dizia respeito não mais a elementos puramente pessoais, mas – na condição de coordenadora pedagógica – estendia-se a um universo consideravelmente maior de professores, fator influenciador da realização de mais estudos sobre a formação docente.

A orientação para a educação inclusiva, à época uma vertente da Declaração de Salamanca (Unesco, 1994), pela qual as escolas deveriam contribuir ao combate de atitudes discriminatórias e segregativas, passava a ser foco de minha atenção, respaldada pela contribuição histórico-cultural do desenvolvimento humano, em especial na perspectiva apresentada por Vigotski (2007). Desse modo, iniciei um movimento particular de crédito nas experiências vividas como passíveis de serem registradas e publicizadas em livros, periódicos e eventos. *Eis, então, outro modo de*

(re)existir, a desconfiança na crença de minhas fragilidades e/ou dificuldades como deméritos para as publicações. Estas não podem ser escamoteadas, tampouco tornarem-se impedimentos, antes podem ser redimensionadas para/na sua publicização. (Grifo nosso).

Cunha (2015, p. 185), ao ponderar sobre as dificuldades docentes em escrever, sobre o “saber fazer”, evidenciou uma recusa no enfrentamento “[...] a sistematização do que realizavam, de forma escrita. Inferimos que essa dificuldade decorria da ausência de uma base teórica das ciências da educação que resultava em uma reflexão carente de fundamentos sistematizados”. Sobre este aspecto, passamos a investir no conhecimento das bases teóricas necessárias aos registros subsequentes, ação sempre inconclusa.

Instigada pela permanente necessidade de busca e ampliação dos referenciais teóricos, comecei a vislumbrar a possibilidade de ser uma professora universitária e, por meio de concurso público para professor auxiliar, ingressei na Educação Superior em 2004. Assim, adentrava num contexto novo, com conflitos e complexidades de outra ordem como premente investimento na formação, ajudando a superar lacunas advindas da graduação, bem como enxergá-las sob novos prismas.

Arrematando essa busca, aprovada em um programa *stricto sensu*, pude articular o objeto de pesquisa – estratégias de multiplicação de políticas públicas de Educação Especial – a uma Linha caracterizadamente envolvida com aspectos concernentes a grupos em situações de vulnerabilidade escolar, como mulheres e negros. Nessa Linha tive a oportunidade de conhecer novos construtos teóricos e de garantir outras leituras (Silva, 2007; Hall, 2006; Costa, 2000; Woodward, 2000). Também foi possível aprofundar estudos sobre a inclusão de pessoas com deficiência, Transtorno do Espectro Autista e altas habilidades/superdotação (Brasil, 2008). Pude entender a inserção da temática no campo da educação geral (Ferreira; Ferreira, 2004) com todas suas mazelas e complexidades e ainda acompanhar as discussões advindas do campo das políticas públicas (Arretche, 2003; Faria 2003; Souza, 2003; Azevedo, 2002). *A abertura ao novo movimenta o (re)existir, aí se assenta outra estratégia protagonizada na superação das fragilidades no campo da formação docente. (Grifo nosso).*

A partir das discussões, leituras, reflexões, e, sobretudo, da inserção no campo da pesquisa, pude refletir sobre minha própria atuação na condição de multiplicadora de um programa governamental, bem como pude avançar na análise sobre a implementação de uma política pública, como realizado em trabalho acadêmico (Soares, 2010). A pesquisa, além dos desafios enfrentados do ponto de vista da escassez de estudos sobre a temática, aproximou-me de *outra (re)existência, distanciar-me da visão prospectiva das ações governamentais e analisá-la com todas suas nuances e incompletudes. Isso também me daria/deu um certo grau de lucidez e proximidade com outros colegas quando estive na condição de professora formadora nas propostas idealizadas pelo órgão gestor da qual fui representante durante 20 anos na Educação Básica. (Grifo nosso).*

Dando continuidade, em 2010, adensei os estudos sobre o currículo escolar, tema latente frente aos desafios encontrados junto ao processo educacional inclusivo, como representante da modalidade Educação Especial na Proposta Curricular da Rede Pública Municipal, posteriormente uma das autoras do Caderno correspondente à discussão (Feira de Santana, 2019), profícuo trabalho técnico realizado em articulação com a educação básica.

No ano de 2012, dessa vez aprovada na seleção para o curso de doutorado em educação e, em coerência com minha trajetória acadêmica e, sobretudo, profissional, interessou-me investigar a inclusão escolar de estudantes com deficiência sob a ótica da organização curricular. Cada vez mais interessada em compreender sobre como possibilitamos (ou não!) condições de acesso e permanência com qualidade nas classes comuns de ensino, defendi a tese sobre a problematização das práticas curriculares ser o desafio imposto, não à educação especial, ou ao seu público, mas incontestavelmente tarefa da educação (Soares, 2015).

As imbricações com a Educação Especial e o currículo escolar como campo de conhecimento de interesse e atuação trouxeram implicações para produções teóricas, bem como meu exercício profissional na Educação Básica e Superior.

Esse processo formativo acontece de maneira gradativa e, em muitos momentos, com experiências distintas ocorrendo de forma paralela. Assim, não se pode afirmar precisamente quando ocorre seu início e fim. A

formação não deve ser percebida como algo que acontece de forma imediata, mas de maneira contínua e processual, possibilitando que o professor esteja em constante desenvolvimento (Caldas; Sampaio, 2023, p. 04).

No seguimento, falarei sobre esse exercício contínuo e processual no contexto do Ensino Superior, adiantando as impossibilidades em me desvencilhar do lastro construído na Educação Básica e dos caminhos trilhados na composição de formas de (re)existências na/para principais produções acadêmicas.

3. A docência no ensino superior: novos elementos para a formação – ensino, pesquisa e extensão

Com o ingresso como professora na Educação Superior passei a compreender os problemas desafiadores à prática docente como, em sua maior parte, frutos de uma formação homogeneizante, com preparação para idealizadas turmas no mesmo nível, desconsiderando a riqueza estabelecida entre interesses, aptidões, ritmos e aprendizagens diferentes.

Intrigada com tais aspectos e ministrando componentes da área de Prática de Ensino/Prática Pedagógica, contrapunha a teoria e a prática, fazendo visitas aos discentes em atividades de prática pedagógica. Essa experiência possibilitou a oportunidade em vivenciar de perto os dilemas enfrentados no manejo da prática escolar. Convivendo com situações gritantes e carência de condições físicas e administrativas, convencia-me cada vez mais da necessidade de investir na formação do professor como sujeito de transformação (Freire, 1998). *Talvez aqui resida outra fonte de (re)existência, a experiência construída como professora da Educação Básica favorece a volta a instituição formadora e alarga o olhar para aproximações entre os dois níveis de ensino brasileiros.* (Grifo nosso).

No exercício docente na Educação Superior, tive e tenho a oportunidade de orientar Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) na graduação e pós, caracterizando um interesse intenso dos discentes em investigar temas relativos ao currículo escolar e a inclusão de pessoas com deficiência. Esse último desejo dos estudantes torna-se uma evidência sobre conhecimentos teóricos compartilhados e, notadamente, o

movimento em torno da inclusão de todos os estudantes independentemente de suas especificidades, terem se tornado uma realidade premente também no ensino superior.

As atividades desenvolvidas convergiram para definição do projeto de pesquisa voltado à aproximação entre a Educação Básica e Superior. Tal projeto, iniciado em 2019 e ainda em andamento, é desenvolvido em Programa de Pós-Graduação *stricto sensu*, em articulação com grupo de pesquisa, aos quais estou vinculada desde 2019 e 2016, respectivamente. Deste projeto decorrem subprojetos de graduação e pós; Iniciação Científica e programa de Pesquisa e Extensão. Por meio das ações realizadas, tenho a possibilidade de vivenciar situações enriquecedoras para contribuir ao amadurecimento e participação no ensino superior.

No âmago desse itinerário docente, considero importante aludir a forma de (re)existência mais latente na escrita, ora apresentada, o trabalho colaborativo. (Grifo nosso). “Toda experiência de formação implica um encontro do eu com o outro em um diálogo contínuo para o desenvolvimento do si, tendo presente que tomar consciência do si é o primeiro passo para se efetivar o projeto de tornar-se” (Caldas; Sampaio, 2023, p. 03). Juntar-me a outras vozes, conforme a inspiração metodológica do presente texto, cooperou para o olhar de fora, olhar junto, um novo olhar.

O falar de si, assim, anuncia um outro e/ou muitos outros vindouros e já incorporados a nós (Padilha, 2001). Desse modo, participação em comissões para garantia de direitos dos pares como avaliação de estágio probatório, incentivo à produção científica, avaliação de Regime de Dedicção Exclusiva; bancas de avaliação – Monitorias de Ensino e Extensão; Concurso público Docente; Seleção Docente; Aluno Especial e Regular do Mestrado, dentre outras – exemplificam o constante devir na educação superior.

Ainda no espectro de atuação no Ensino Superior, no período de 2010 a 2012, participei do curso de Pedagogia da Plataforma Freire – programa destinado à formação inicial de profissionais do magistério da educação básica – tendo operacionalizado novas experiências capazes de articular a teoria e a prática entendida como *práxis* (Pimenta; Lima, 2004). Ao insistir na importância em

contribuir com a formação de professores para a inclusão de pessoas com deficiência e, ao mesmo tempo, qualificar minha prática docente, pude atuar como docente do Curso de Especialização *lato sensu*, em regime de colaboração. A experiência concluída em 2010 oportunizou discutir temáticas como a construção social da deficiência (Diniz, 2007) a partir de diversos olhares, haja vista os discentes serem oriundos de diferentes licenciaturas.

Seguindo o itinerário de (re)existência docente, a consideração sobre a importância dos novos elementos para a formação: ensino, pesquisa e extensão, tal como intitula-se esta seção, impulsionou-me a buscar uma participação efetiva em grupos de pesquisa e a utilizar minhas produções acadêmicas nas atividades desenvolvidas. *Essas últimas inserções colaboraram a ampliação do "meu eu", para o sentido pleno da coletividade e necessidade sempre premente de registrar, analisar, contribuir e (re)existir. (Re)existindo, descubro-me e, a cada dia, permito-me alcançar voos mais altos.* (Grifo nosso). A autorização e a fluidez do fazer docente da antiga professora primária, hoje também professora do ensino superior com toda sua riqueza e particularidades, fez-me experienciar outros tantos momentos singulares.

Experiências como essas e inquietações há muito latentes levaram-me a escrever artigos publicados em diversos meios. Estes, em diferentes graus, caracterizam um modo particular de (re)existir frente aos dilemas enfrentados.

3.1 Experiências, pesquisas e registros: a produção bibliográfica e suas interfaces

Na busca por uma participação mais ativa no meio acadêmico, houve/há um investimento materializado por meio dos textos produzidos para minicursos, palestras e comunicações orais, proferidas em âmbito local e nacional. Os textos publicados em diferentes meios de divulgação, portanto, ajudam a ilustrar a (re)existência no caminhar. Alguns foram publicados como capítulos de livro, como artigo selecionado para compor coletânea governamental. *Talvez seja este o principal marco da gênese dessa (re)existência no sentido da resistência atribuída à Introdução do presente texto, isso porque inaugura a percepção sobre as experiências desenvolvidas na atuação profissional como passíveis de, à luz dos referenciais teóricos, serem*

compartilhadas sob o crivo de críticas ou quaisquer complementações por parte dos leitores. (Grifo nosso). Um ato de ousadia, ao reconhecer suas limitações e perseverar na possibilidade de ampliar suas contribuições para o outro, mas sobretudo, para si no aprimoramento da escrita acadêmica e melhorias do próprio exercício profissional.

O marco concede a ideia da possibilidade. Incrementa o gosto em fazer, diz sobre conseguir, concretizar, afinal este primeiro texto concorreu a um capítulo na série “Experiências Educacionais Inclusivas: Programa Educação Inclusiva Direito à Diversidade” a figurar no cenário de publicações governamentais brasileiras. Submetido ao certame da então Secretaria de Educação Especial (SEESP) do Ministério da Educação (MEC), foi selecionado, escolhido, priorizado, publicado. Isso movimenta, atrai, convida, desafia e, ainda, encoraja a existir. E assim, dois anos após a essa seleção e, concorrendo ao mesmo edital, publicamos outro texto (Soto; Soares, 2008).

Sobre essas escritas e publicações, *o realce do cunho colaborativo nesse movimento de (re)existência parece imperativo.* (Grifo nosso). É o unir-se ao outro, o permitir retocar, melhorar, questionar, duvidar, provocar, a superação da visão ensimesmada, o contrapor, comparar, ampliar, o responsável pelo movimento de dar força à palavra. Ter eco diminui receios, transpõe desafios, irmana, congratula, compartilha, fortalece.

Ao fortalecer, também anuncia a publicação de outros textos e estudos. Em 2019, insistiam, em mim mesma, conversas com meus colegas da Educação Básica e Superior sobre o currículo escolar e a inclusão de estudantes com deficiência. Com o resultado da tese publicada em 2015 e confrontada pela realidade concreta das escolas públicas municipais de Feira de Santana, em especial na condição de professora formadora e/ou coordenadora, em um importante passo de (re)existência, escrevi um livro a ser publicado no ano seguinte (Soares, 2020).

Segundo Freire (1998, p. 25) “[...] quem forma, se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. Assim, ainda em 2020, uma grande forma de (re)existência em meio à pandemia da Covid 19, foi escrever,

dar tons aos projetos antigos, tornar palpável, disseminar, socializar, aproximar. Desse movimento decorrem textos publicados em periódicos nacionais.

Ao insistir no cunho colaborativo, pude escrever sob vertentes de produções a) com orientandas e b) com colegas da Educação Básica e Superior. Na primeira vertente produzi com orientandas da graduação, da Iniciação Científica e da Pós-graduação. Contemplando a segunda vertente b) com colegas da Educação Básica e Superior, tive a oportunidade em produzir com colegas do Programa de minha vinculação, com professores de outras universidades: com colegas da educação básica e com colegas da educação básica e superior.

Além dessas produções, outras publicadas em livros e em anais de eventos traduzem inquietações e, particularmente, experiências desenvolvidas junto a estudantes com deficiência, bem como aproximações com os objetos de estudo no campo da educação especial em sua transversalidade nos dois níveis de ensino representados nesse texto tanto em razão dos estudos desenvolvidos quanto por nossa condição de bi ocupante.

A seleção e apresentação de trabalho na 35ª reunião anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), ocorrida em Porto de Galinhas (PE), pode ser destacada por ser evento de grande relevância e conceituação no campo da pesquisa em educação brasileira. A inserção nesse universo de pesquisa propiciou efetivar ações mais concretas como elaboração de projetos com perspectivas de intervenção e produto, como comprova o Caderno de Diálogos INCURSÃO (Soares; Ferreira; Santos, 2022). Também oportunizou publicizar textos em eventos científicos e aprimoramento de pesquisas no estreitamento de diálogos com a educação básica.

Por seu turno, participações como palestrante em eventos disponibilizados por meio da mediação tecnológica, em 2021, traduziram o esforço em resistir aos medos e até pavores oriundos da pandemia. Ademais, o uso das ferramentas tecnológicas trouxe novos contornos para as atividades produzidas desde então (Passos; Tassoni, 2023). Os trabalhos permitiram a socialização de experiências e pesquisas para a decorrente problematização de dúvidas, teorizações e também conquistas, sendo, portanto, importantíssimos à reflexão sobre a prática como docente, além de

acrescer a formação acadêmica, haja vista demonstrar a consolidação de pesquisa desenvolvida nos últimos anos.

A confluência de espaços diferentes para produção de saber, oportunizada pela experiência profissional e acadêmica, possibilitou-me o envolvimento com outros lugares de fundamentação política e ideológica. A exemplo, cito a minha participação como Coordenadora de Sala Temáticas do Ensino Superior de Plano Municipais de Educação. Como representante da Educação Superior, pude transcender o texto ético e político da contribuição social universitária para efetivamente promover o debate e proposições legais decorrentes dos trabalhos desenvolvidos.

Outra experiência extremamente importante foi a idealização, organização e realização de cursos de formação docente, quando pude observar situações nas quais estudantes-professores demonstravam dificuldades em planejar suas aulas para estudantes com aprendizagens singulares, em especial, para os com dificuldade em acompanhar os objetivos propostos.

Durante o período pandêmico, pude elaborar a proposta de Formação Continuada para Estudos em Educação Especial na perspectiva inclusiva (FORESPI). A formação desenvolvida no ano de 2020 foi resultado de uma iniciativa colaborativa com adesão de 105 professores. A FORESPI, realizada por meio da plataforma *Google meet*, totalizou uma carga horária de 50 horas, com temas acerca da inclusão escolar e concepção de deficiência. A experiência também deu forma a um texto publicado em periódico nacional (Soares; Silva, 2021).

Exercendo a função de coordenadora pedagógica, pude ainda organizar outros eventos voltados para a formação de docentes do município e de outros localizados na circunvizinhança de Feira de Santana. Além disso, pude fazer o paralelo dessas experiências com os Componentes Curriculares ministrados na Universidade, levando contribuições, vozes e experiências adquiridas como formadora para a Educação Superior. Os contrapontos resultantes auxiliaram no planejamento de aulas comprometidas com a realidade e acrescidas de diferentes olhares, características essas, aparentemente, apreciadas pelos estudantes. Também foi possível organizar eventos no ensino superior articulados à educação básica e diferentes colaboradores.

Participação em Comissões como de Avaliação de Aproveitamento das Atividades Acadêmico Científico Culturais (AACC), Comissão de Egressos; bancas de TCC da graduação e pós; avaliador *Ad hoc* de periódicos; membro de Conselho Editorial; organização de eventos; elaboração e coordenação de propostas de formação continuada; monitorias de ensino; elaboração de proposta curricular; projetos de ensino com estudantes da educação básica, ilustram o intenso movimento e investimento em produções técnicas.

Dessas e de outras experiências, advém a minha necessidade na continuidade pela busca do amadurecimento de aspectos como o desejo em realizar outros projetos de pesquisa, ensino e extensão. Nesse (re)fazer me descubro e construo novas perspectivas para o diálogo com pedaços vivos do meu próprio ser (Bandeira, 1995) e das tantas outras vozes as quais, certamente, intercalarão a minha, almejo eu, longa e produtora caminhada.

Considerações Finais

A escrita deste texto e mais especificamente o tom de nossa tessitura é cingido de (des)sabor, luta, resistência, fôlego e ousadia. Dos sonhos de outrora à concretização de nossos projetos acadêmicos, há mais força, vigor e dor, os quais, talvez, não tenhamos conseguido traduzir em palavras.

Eis, então, parte da (re)existência de nossa própria história. Aos poucos, a escolha de caminhos deu a resistência necessária aos excertos apresentados. Reconhecer nossos pontos inacabados, tem-nos feito persistir na elaboração de novas formas de existir; reexistir; resistir. "Exercer a profissão de docente, na atualidade, é permeada por desafios, os quais muitas vezes ultrapassam a dedicação docente e para os quais a formação inicial não dá conta de resolver [...] (Fávero; Agostini; Rigoni, 2023, p. 12).

Os dados diluídos no texto indicam, portanto, a caracterização da tal (re)existência definida desde à Introdução. Superar o isolamento no sentido cunhado por Freire (2014) é dar um passo para o enfrentamento ao desafio. Sair do terreno da impossibilidade é, demasiadamente, a primeira aposta a fundamentar um percurso acadêmico e profissional nos moldes compartilhados.

O (re)conhecimento das lacunas, fragilidades e/ou insuficiências, impulsionam, lançam para frente, para a busca, um futuro a existir, porque acreditado, crido, sonhado, só então pode ser concretizado, vivido, anunciado. Do movimento se faz força, o novo, inusitado, publicado.

Com o estudo é possível depreender possibilidades de (re)existir na: a) superação da sensação de incapacidade e/ou descrédito advinda da rotina escolar; b) sistematização de estudos/pesquisas e seus subsequentes registros; c) compreensão das dúvidas e/ou inseguranças como agentes de estímulo para o crescimento acadêmico e profissional; d) definição de uma área de estudos no campo da Pedagogia para/na consolidação de um perfil investigativo caro à formação de cada profissional; e) abertura aos desafios como forma de superação das fragilidades teóricas; f) superação da visão prospectiva das ações governamentais e análise de suas nuances e incompletudes; g) utilização da experiência construída como professora da Educação Básica para/na volta a instituição formadora e aproximação entre os dois níveis de ensino brasileiros, e h) solidificação da colaboração como estratégia para/no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos e/ou científicos. Dos resultados subjaz a importância das (re)existências na composição do ser docente e suas intersecções com itinerários acadêmicos e profissionais. O trabalho pode iluminar outras práticas e trazer novos elementos para a melhoria da trajetória compartilhada e, oportunamente, de outros professores em seus respectivos contextos de formações.

A (re)existência também nos aproxima dos pares, dá novas lentes de aumento, não dissimula, apenas diz. Sabe-se insuficiente, está disposta a... sempre haverá a mudança, o risco, o agito, o temor, o labor, por isso soma, junta, busca, acresce, colabora, diz. E, desse modo, "a vida vai tecendo laços" (Bandeira, 1995) e nos convida ao vindouro. Como quem acorda para si e para o outro, inauguramos jeitos para redimensionar formas de olhar o mesmo quadro sob novas molduras e, assim, seguem nossos diálogos, seguem infinitas possibilidades de (re)existir.

Referências

ARRETCHE, Marta. Dossiê agenda de pesquisas em políticas públicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, nº 51, p. 7-10, fev. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/gR4pxgbyns7R5hTKfmMDkxG/abstract/?lang=pt>
Acesso em: 05 fev. 2024.

AZEVEDO, Janete Lins de. Implicações da nova lógica de ação do estado para a educação municipal. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 23, n. 80, p. 49-71, set. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/57qR4WBxvqrBSDRgpSBNvXJ/abstract/?lang=pt#> .
Acesso em: 05 fev. 2024.

BANDEIRA, Manoel. A vida assim nos afeiçoa. In: **A cinza das horas**, 1995. Disponível em: <https://www.tudoepoema.com.br/manuel-bandeira-a-vida-assim-nos-afeicoa/> Acesso em: 24 jan. 2023.

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em: 05 fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2008.

CALDAS, Iandra Fernandes; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. Memória, formação e desenvolvimento profissional docente: construindo aprendizagens ao longo da vida. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 25, p. 1-25, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v25i1.7784> Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/issue/view/336> Acesso em: 05 fev. 2024.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. In COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** / Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS. 2000. p. 13-36.

CUNHA, Maria Isabel da. Docência, discência, vida, sentidos... Reflexões em torno de uma trajetória. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 17, n. 36, p. 173-189, 2015. DOI: <https://doi.org/10.22196/rp.v17i36.3156>. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3156>. Acesso em: 05 fev. 2024.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos, 324.).

FARIA, Carlos Aurélio Pimenta de. Idéias, conhecimentos e políticas públicas: um inventário sucinto das principais vertentes analíticas recentes. **Revista Brasileira**

de Ciências Sociais, v. 18, nº 51, p. 21-29, fev. 2003. Disponível em:
<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/issue/view/336>.
Acesso em: 05 fev. 2024.

FÁVERO, Altair Alberto; AGOSTINI, Camila Chiodi; RIGONI, Larissa Moisés. Formação continuada de educadores: alguns apontamentos iniciais sobre o papel da gestão escolar democrática. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 25, p. 1-23, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v25i1.7447> Disponível em:
<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/issue/view/336>.
Acesso em: 05 fev. 2024.

FEIRA DE SANTANA. **Proposta curricular do ensino fundamental da rede pública municipal de educação de Feira de Santana** – Educação Especial: diálogos em construção. Feira de Santana: Secretaria Municipal de Educação, Seduc, 2019.

FERREIRA, Maria Cecília Carareto; FERREIRA, Júlio Romero. Sobre Inclusão, Políticas Públicas e Práticas Pedagógicas. In: GÓES, Maria Cecília Rafael de; LAPLANE, Adriana Friszman de (Orgs.). **Políticas e práticas de educação inclusiva**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004, p 21-48. (Coleção educação contemporânea.).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREITAS, Helena Costa Lopes. Dez anos de LDB: tensões e contradições na formação dos profissionais da educação. In: SOUZA, João Valdir Alves de. **Formação de Professores para a Educação Básica**: dez anos da LDB. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 143-158.

GOMBOEFF, Ana Lucia Madsen; PENTEADO, Maria Emiliana Lima. Os saberes da docência e as disparidades de gênero no Magistério. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 25, p. 1-27, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v25i1.7334> Disponível em:
<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/issue/view/336>.
Acesso em: 05 fev. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PADILHA, Anna Maria L. **Práticas Pedagógicas na Educação Especial**: a capacidade de significar o mundo e a inserção cultural do deficiente mental. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. – (Coleção educação contemporânea).

PASSOS, Ana Vitória Bonatti; TASSONI, Elvira Cristina Martins. Experiências de leitura e de escrita vivenciadas por professoras durante a pandemia de covid-19. **Revista**

Pedagógica, Chapecó, v. 25, n. 1, p. 1-25, 2023. DOI:
<https://doi.org/10.22196/rp.v25i1.7570> Disponível em:
<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/issue/view/336>.
Acesso em: 05 fev. 2024.

PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. **Formação de Professores:** Pesquisas, representações e poder. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior.** – 2 ed. – São Paulo: Cortez, 2005. – (Coleção Docência em Formação).

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência.** São Paulo: Cortez, 2004. – (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos).

SANTOS, Yuri Andrei Batista; Torga Vânia Lúcia Menezes. Autobiografia e (re)significação. **Bakhtiniana, Rev Estud Discurso.** 2020. Apr;15(2):119–44.
<https://doi.org/10.1590/2176-457342467> Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/42467>. Acesso em: 05 fev. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, Marcia Torres Neri. **Programa Educação Inclusiva Direito à Diversidade:** estudo de caso sobre estratégia de multiplicação de políticas públicas. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SOARES, Marcia Torres Neri. **Currículo escolar e inclusão de estudantes com deficiência:** diálogos com uma escola pública. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

SOARES, Marcia Torres Neri. **Sobre (in)visibilidades no currículo escolar:** a zona fluante da escolarização de estudantes com deficiência. 1. ed. Editora CRV, 2020. 130p.

SOARES, Marcia Torres Neri; SILVA, Adarita Souza da. Proposta de formação docente para/ na consecução de práticas pedagógicas inclusivas: a FORESPi em movimento. **Revista Triângulo**, v. 14, p. 1, 2021. Disponível em:
<https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/revistatriangulo/article/view/5394>. Acesso em: 05 fev. 2024.

SOARES, Marcia Torres Neri; FERREIRA, Tainara da Silva; SANTOS, Maria Aparecida de Jesus. **Caderno Diálogos entre Inclusão e Currículo Escolar.** Feira de Santana, BA, 2022.

SOTO, Ana Paula de Oliveira Moraes; SOARES, Marcia Torres Neri; RAMOS, Marleide Batista. A Formação Docente e o Respeito à Diversidade: perspectivas para uma escola inclusiva no município de Feira de Santana. In: ROTH, Berenice Weissheimer. **Experiências Educacionais Inclusivas**: programa educação inclusiva: direito à diversidade. Brasília. MEC, SEESP, 2006.

SOTO, Ana Paula de Oliveira Moraes; SOARES, Marcia Torres Neri. Desafios para consolidação do sistema inclusivo no município de Feira de Santana/BA: Um pouco de história. In: **Experiências Educacionais Inclusivas II**. Programa Educação Inclusiva: direito a diversidade. Brasília. MEC, SEESP, 2008.

SOUZA, Celina. "Estado do Campo" da pesquisa em políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 15-20, fev. 2003. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/P74kwjCmQ5Q5ySrKLYpgdCB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 fev. 2024.

UNESCO (1994). **Declaração de Salamanca sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Trad. São Paulo: Martins Fontes, 2007. – (Psicologia e pedagogia).

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

Submetido em: 05-02-2024

Aprovado em: 07-11-2024

Publicado em: 21-11-2024